ANNO 6.º | Sexta-feira, 19 de Setembro de 1913 | NUMERO 289

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Viva a Liberdade!

19 de Setembro de 1888

Faz hoje 25 anos que fôram expulsas do hospital as irmãs de caridade. E' uma data por todos os titulos gloriosa para Aveiro, que nós solenisámos, e que decérto acordará no espirito do povo liberal os écos da formidavel campanha anti-reaccionária que, repercutindo em todo o país, marcou indelevelmente um grande passo para a emancipação da consciencia humana.

O "Democrata,, saúda nêste dia a memoria jámais olvidada de José Estevam Coelho de Magalhães, que o bronse perpetúa na Praça da Republica, como o maior inimigo da reacção clerical.

Um dia historico

Eram nove horas quando principiou a batalha.

O dia havia amanhecido risonho e por toda a parte uma febril anciedade se desenhava em todos os rostos.

Que sucederá?

Os jornaes diários e a maior parte dos da provincia, se não todos, ocupam colunas, consoante a sua feição partidária, referindo os preleminares da eleição para a qual convergem as atenções.

As imediações do hospital oferecem desusado aspeto.

A policia, aos magotes, vigia de perto a multidão que se agloméra em frente á egreja da Misericordia e no quartel de cavalaria, em Sá, observa-se a mais rigorosa prevenção.

O templo está tambem apinhado. Ao centro funciona a meza eleitoral cercáda pelos irmãos da Santa Casa empenhados na conservação das irmãs de caridade, uns, sériamente resolvidos a concorrer para a sua expulsão, ainda que violenta, outros.

Vários incidentes põem de vez emquando uma nota agitáda na assembleia. Contudo os trabalhos proseguem após curtos intervalos que se gastam em serenar os animos dos mais exaltados.

* * *

Meia tarde.

Um reboliço enorme, dentro da egreja, faz com que a rua se movimente e, presurosos, acudam os que cá fóra esperam, com anciedade, o resultado da eleição.

Ouvem-se gritos, imprecações, ameaças.

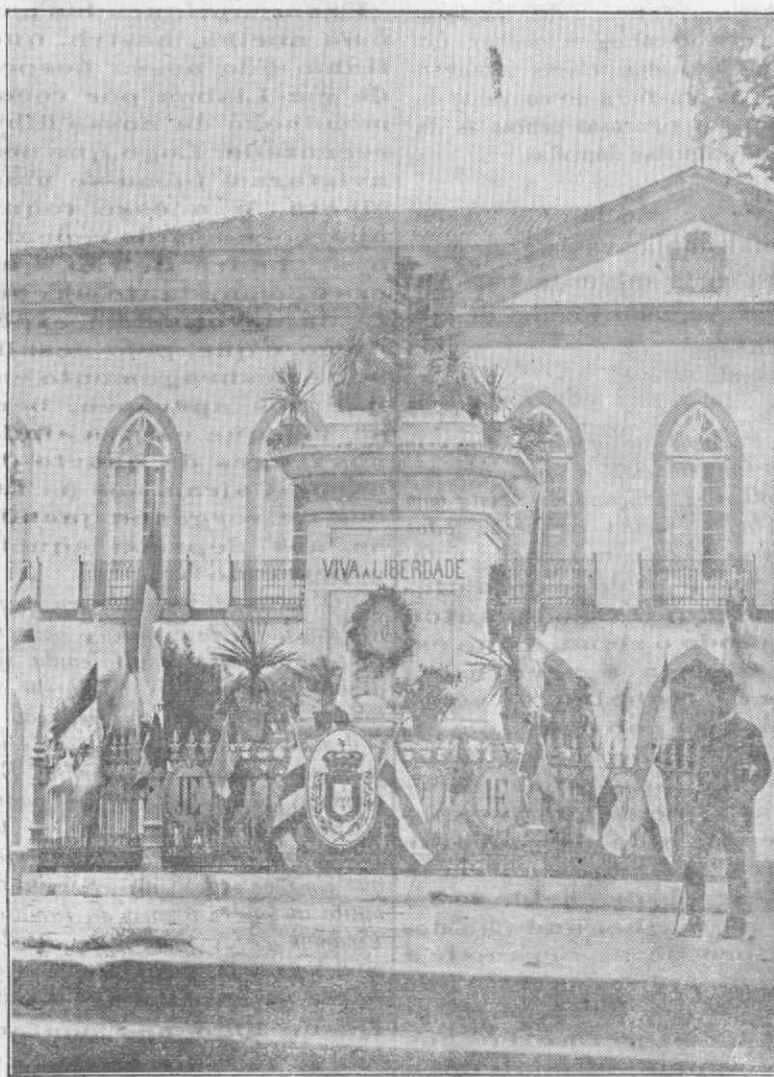
Segundo a segundo recrudesce o tumulto. Ha já bengalas no ar, cabeças partidas, ferimentos que demandam imediata intervenção medica.

Chega a tropa. *Viva a Liberdade! Abaixo a reacção! Fóra as irmãs de caridade!*—exclama-se.

Uma chuva de pedras cáe sobre o edificio do hospital e um assalto acha-se eminente. Evitam-no, porém, alguns manifestantes que sustam com dificuldade a entrada do povo.

O momento é critico. Sicários ás ordens da reacção, politicos nefastos, sem escrupulos, tentam por todos os meios conseguir uma vitoria que não lhes pertence e para isso lançam mão das maiores infamias atropelando a lei, falsificando, roubando uma votação genuinamente livre com que algumas desênas de cidadãos quizéram honrar os principios liberaes. Todavía, de nada lhes valeu o audacioso atentado, a esses que pretenderam transformar a patria de José Estevam num feudo do bando negro.

Aveiro soube mais uma vez desafrontar-se. Com energia, é cérto, mas mostrou que dentro dos seus muros só pódem perdurar as velhas tradições que conquistou á custa de muito sangue e do sacrificio dos que lutáram e morreram pela Liberdade.

Por isso recordâmos hoje, com verdadeiro desvanecimento, os sucéssos de ha 25 anos, que marcam na historia de Aveiro não só o triunfo duma causa assinalada pela imediata saída das irmãs de caridade do hospital, como ainda um exemplo a mais de patriotismo, independencia e coragem que não podêmos esquecer pelo que representa de glorioso para esta terra, muito embora se tivéssem apagado, por a sua apostasía, as principaes figuras de relevo néssa grande conquista que vimos comemorar.

AVEIRO—O pedestal de José Estevam antes da colocação da estatua, ornamentada na manhã do dia 20 de Setembro de 1888 para comemorar a vitoria da Liberdade sobre a reacção.

Contra as irmãs de caridade

Palavras do atual presidente da Republica, sr. dr. Manuel de Arriaga, no comicio realisado em Aveiro no dia 24 de Junho de 1888:

«Que os oradores que o precederam eram filhos da terra; êle não tinha éssa felicidade. Mas Portugal é a terra de nós todos; vem aqui, em condições iguaes ás dêles, porque tambem é filho do mar—é açoriano. (*Aplausos.*) Que são irmãos pela afinidade, pelos costumes, pelo berço, por tudo emfim!

E aqui esplana-se o ilustre tribuno em largas descrições, estabelecendo uma linha de confronto entre os mares e os aspétos do arquipélago dos Açôres, e a adoravel ria de Aveiro.

Que se outros motivos não exprimissem éssa afinidade, que tem com êste povo que muito admira e respeita, bastava-lhe a profundissima admiração que sempre têve por José Estevam, que considéra seu mestre.

Não é um *diletante* da oratoria; 29 anos de luta, não lhe permitem já devaneios nem diletantismos piégas.

Vem falar a todos: não fala, como os reaccionarios, como os clericaes, só a uns! (*Estrepitosos aplausos.*)

Vem dizer a todos que se acautelem, que não durmam sobre a sua liberdade.

E' advogado das regalias populares. Que a monarquia nos tem como pupilos, mas que não tem remedio senão ouvir-nos, como se ouvem os pupilos de dezoito anos.

Que o povo se ponha em guarda, que a monarquia quer embail-o, como se iludem os pupilos de dezoito anos; e nós carecemos de lhe fazer sentir que estamos a tocar a maioridade, e portanto escusa éla de pensar no triunfo.

Não vem levantar o grito de guerra, mas tambem não enrola a sua bandeira, porque não tem tibieza de covarde, nem as hesitações que provém da falta de principios. Êle tem principios; tem convicções, e não receia expôl-as seja onde fôr.

Ao terminar outra ordem de considerações sobre a estada das irmãs de caridade diz que apeada a figura de José Estevam, com éla será apeada a liberdade.

Passa depois em revista a historia da Egreja, buscando a cada passo confrontos com a historia propriamente dita.

Disse o ilustre orador, que desde o começo da monarquia, isto é, desde Afonso Henriques, até o despotismo benefico de Pombal, a curia romana, como instituição politico-religiosa, apossou-se da Europa, desde as necessidades da cosinha, até ás necessidades da consciencia. Apossou-se por tal fórma e por todos os feitios de todos os estados; que em Portugal, desde o fundador da monarquia até ao marquês de Pombal, e dêste até aos regeneradores liberaes, tem sido um ataque em regra contra os nossos direitos e as nossas aspirações para sermos nação independente e livre. (*Muitos aplausos.*)

Que a obra não está ainda acabada, e a monarquia constitucional, comquanto compelida pela vontade da nação nos tempos gloriosos de José Estevam e outros, cedesse o lugar á cooperação nêsse trabalho de reivindicação e soberania. Mas que hoje era forçoso confessar, que trono e altar, vendo-se em cheque perante os impulsos da civilisação, se tornaram solidarios no interesse de uma causa comum a ambas, e que só cederiam, como no tempo de D. Maria II.

Que a exautoração de Pombal, não podendo ser feita em sua vida, veiu a sel-o em tempo de seus netos. Que o que fizéram ao ministro de D. José I, é o que querem fazer agoro a José Estevam, e demais a mais na propria cidade que lhe foi berço. (*Muitos aplausos.*)

Que assim como certos países apresentam os seus monumentos, taes como Roma e Paris com a sua torre Eifel, a cidade de Aveiro tambem apresentava a estatua do glorioso tribuno José Estevam! (*Muitos apoiados.*)

Que o jesuitismo tentára exautorar a civilisação liberal exautorando a memoria do grande orador, seu filho dilecto, com as irmãs de caridade, mas que sería dificil éssa exautoração, porque significava um desafio, uma afronta a toda uma cidade. (*Calorosos vivas e prolongados aplausos.*)

Faz a apoteose do eloquente orador, invoca a memoria dêsse grande homem, do seu mestre, para que todos, fortalecidos nésta ideia, se esforcem para que sejam expulsas as irmãs da caridade.

Que nêstes parlamentos populares é que se devem levantar as grandes questões de interesse geral.

Que a afronta que se faz já não é só, como todos claramente vêem, á memoria de José Estevam, mas a todos os aveirenses. Que se a grandeza daquêle recinto lhe não cansasse a voz por falar a um tão numeroso concurso de povo, diria muito mais, porque muito tinha que dizer.

Vae expôr a largos traços o que se trama contra a liberdade. A monarquia começou por um golpe contra a teocracia. Todos os reis absolutos, desde Afonso I, se disséram católicos, e todos por fim se deixaram dominar pela Egreja. Quer dizer que em toda a parte esta se apossa das consciencias.

Quizéra aqui o Cristo, aquêle delicioso sonhador, cujas doutrinas o clericalismo adulterou a seu bel-prazer; quizéra vêr aqui aquêle simbolo da bondade, da mansidão, aquêle que falava aos pescadores, aos humildes, aos pequeninos, aquêle protótipo de amor e abnegação, para mostrar a quem o ouvia, já que alguem para aí havia espalhado á sua chegada que êle, orador, era um enviado do diabo, para apregoar doutrinas diabolicas; que se havia alguem que as prégava, eram êles, acobertados com o nome de Deus. Sei que afirmam que vinha aqui prégar-vos um ateu. (*Aplausos.*) Não, eu não sou ateu, sou religioso. Confranjo-me ante o Cristo chagado, coroado de espinhos, martirisado por uma plebe infrene, e explorado por uns entes crapulosos, mas amo e adoro o Cristo verdadeiro, o que viveu entre os humildes, que evangelisou as sublimes doutrinas da caridade e do amor, o Cristo que chamava a si os pequeninos, que perdoou á Samaritana, que despresou as vaidades e as grandezas da terra, o Cristo que multiplicava os pães, que lavou os pés aos seus discipulos, que expulsou do templp os vendilhões, e que nos deixou a maxima sublime—*amae-vos uns aos outros.* Aqui está o meu altruismo. O que eu sou, a falar a verdade, é um inimigo daquêles que em nome do Martir do Calvario trucidaram nos potros e queimaram nas fogueiras da inquisição, milhares e milhares de desgraçados! (*Vivo movimento na assembléia, seguido duma estrondosa salva de palmas.*)

E nêste ponto, o orador têve frases profundamente chistosas, que suscitaram o riso geral, com especialidade, quando descreveu a maneira como o clericalismo, á sombra da chamada salvação da alma, se apossava de muitas heranças.

A Egreja disse: Vós tendes uma coisa que nunca morre—é a alma. Porém eu é que a possuo. Quereis salvel-a? Bem, ajustemos. (*Riso.*)

E aqui, o orador, foi devéras gracioso, quando descrevia a maneira artificiosa como o clericalismo ilude as suas vitimas. De modo que, diz o ilustre tribuno, fechando um periodo déstas considerações, apanhar morto um hereje é para éla uma grande presa! (*Aplausos.*) O que se está passando é a curia romana tentando avassalar. Que o trôno está apoiado pela clerisia e pelo jesuitismo, e que é preciso que o povo acorde nos ultimos dias da monarquia.

Que as irmãs da caridade, as filhas de Maria, toda éssa coorte não tem aqui direitos, não tem aqui nada que fazer! (*Bravos e estrepitosos aplausos.*) As irmãs da caridade estão fóra da lei, do direito português que é baseado no principio da familia. Élas não pódem, pois, arvorar-se em institutos de caridade, mesmo porque nós não precisamos disso. Aceitaria as irmãs da caridade como associação dentro da lei comum, mas quando fôsse aniquilado o famoso colosso da curia romana e o jesuitismo. (*Aplausos.*) Ora, as leis portuguêsas, só admitem associações, quando tem estatutos aprovados pelo govêrno. Para êle, orador, o jesuita dirige e serve-se das irmãs da caridade como instrumentos para escravisar consciencias, e que as leis não permitem escravatura. De dentro daquêles institutos, trabalha o jesuita, por via das irmãs hospitaleiras, apertando, limando, para avassalar! (*Calorosos aplausos.*)

Que a verdadeira liberdade garante a caridade cristã, e mesmo ao cato-

licismo o seu livre exercicio, com a condição unica déla não ser atentatoria da mesma liberdade. Que quando a democracia na Europa fôsse tão triunfante como na America, e se tornassem impotentes de todo as reacções da teocracia, para empolgarem as nossas prerogativas, a caridade e quaesquer associações religiosas teriam a sua orbita de acção plenamente garantida. Lembraria um facto carateristico das atuaes associações religiosas da Europa. Que os membros que as constituiam não eram livres, eram simples delegações do poder papal—um estado politico-religioso dentro do Estado e contra o Estado. Que era preciso dar-lhe caça em toda a linha, em nome da civilisação liberal que disfrutamos, como já lhe fôra dada nos tempos aureos da monarquia e da nossa regeneração liberal. Que as irmãs da caridade, os lazaristas, os jesuitas, etc., são subditos do estado papal. Que as suas leis, os seus costumes, as suas aspirações, são para a civilisação atual, outros tantos elementos constitutivos do crime! Que professam o celibato, quando nós professamos a familia; exaltam a mendicidade, quando nós a repelimos pelos nossos regulamentos policiaes, metendo os necessitados nos asilos de beneficencia. Exaltam a alma por herdeira para empolgarem as heranças, quando nós as anulamos em nome das nossas leis civis. Aceitam e prégam a transmissão do pecado, quando nós a expurgamos dos nossos codigos penaes. Que se introduzem á cabeceira dos enfermos, pelo fanatismo religioso e pela dependencia da enfermidade, tendo numa das mãos o remedio, noutra a confissão e os horrores do inferno a torturar os ultimos momentos dos moribundos, quando a lei civil dá protecção a todos, sem discutir crenças nem paixões. *(Aplausos.)*

Entram, emfim, nas agremiações proibidas pelas nossas leis, não como um pacto livre que possa ser alterado segundo as vontades, mas como subditas de Roma, escravas de uma vontade, que não é a da nossa lei, para conspirarem á sombra da lei, contra a propria lei. E quando nos Estados livres não se sancionam pactos de escravos, muito menos podemos aceitar as irmãs da caridade, que são simplesmente escravas. *(Estrondosos aplausos.)*

Vae resumir para terminar. Antes disso, cumpre-lhe dizer que, ou a estatua se inaugura, e nêsse caso têm de sair as irmãs da caridade, ou élas ficam, e nêsse caso a estatua apeia-se! Este é o dilêma.

Que a estatua de José Estevam é uma gloria de que este povo deve ufanar-se. Vae dizer o plano ácêrca do notavel orador. O ultramontanismo espera agora a figura de José Estevam para o apear, como tentou apear o marquês de Pombal. O marquês de Pombal expulsou os jesuitas; esperaram pelo tempo para o aniquilar. No parlamento já se fala em nome do jesuitismo. Grande satisfação para a egreja. Querem agora tambem aniquilar José Estevam, mas cá estão os seus conterraneos, os seus admiradores. *(Muitos aplausos.)* Se a estatua fôr inaugurada, o jesuitismo triunfa. Pois é preciso fazer saír as irmãs hospitaleiras em nome da lei e do direito; ameace-se o govêrno; façam-se manifestações permanentes; obriguem-no a mandar saír éssas senhoras delicadamente. Uma irmã da caridade é fanatica; se vê morrer fala no confessor. E' o inferno levado á cabeceira do moribundo. E' preciso maldizel-a, expulsal-a, que é um ente prejudicial. Lembrae-vos que a vossa Jerusalem está ali, na estatua de José Estevam! Se inauguraes a estatua com as irmãs da caridade aqui, cometeis um crime; é um ultrage, uma vergonha! *(Bravos e estrepitosos aplausos. Vivas a Manuel de Arriaga.)*

Termina lembrando o alvitre pratico de obrigar o govêrno a cooperar para que a cidade de Aveiro eleja livremente a nova mesa, que para andar correcta e dignamente tem de convidar éssas senhoras a sairem sem perda de tempo. *(Unanimes e estrondosos aplausos e vivas a Manuel de Arriaga.)*»

Pela liberdade

O discurso de Albano Coutinho ao ser-lhe concedida a palavra por ocasião do primeiro comicio de protésto contra as irmãs de caridade, em 24 de Junho de 1888

«Que não pertence a esta cidade, mas pertence ao distrito de Aveiro, pelo qual, tem, por muitos titulos, a maxima consideração e respeito. Convidado para esta reunião, que vê tão numerosa, o que muito o lisongeia, fizéra um esforço, porque era realmente uma temeridade falar diante de oradores tão conhecidos e experimentados nas pugnas da palavra! *(Muitos aplausos.)*

Que no enterro civil de seu pae, o primeiro que nêste país se fizéra, não vira só os pobres, os humildes: vira homens de todas as classes e jerarquias, a honrarem aquêle acto. Por isso o prendiam laços sacratissimos á cidade de Aveiro. Que sente duas grandes e fortes impressões, uma das quaes era o ter de vir falar aqui, onde se ouvira a palavra magica e brilhante de José Estevam! *(Longos e calorosos aplausos.)*

Que vinha tambem levantar um protésto contra as irmãs da caridade; que vinha defender uma causa altamente simpatica para todos os democratas! *(Aplausos prolongados.)*

Que perante as leis do país não pódem nem devem estar aqui as irmãs da caridade.

Lamenta que os homens que estivéram ao lado de Braamcamp, sejam os mesmos que admitiram e querem hoje aqui, á viva força, as irmãs da caridade, indo, déste modo, de encontro ás leis claras, inequivocas e expressas do país! *(Vivos aplausos.)*

Mas que, se continuarem na mesma senda deploravel, se se não cumprirem as leis; se contra o direito e a razão élas não fôrem expulsas, seguir-se-hão tantos comicios, tantos protéstos, quantos fôrem necessarios para que se faça justiça. *(Calorosos e prolongados aplausos.)*

Lê, depois de bréves e sensatissimas considerações, como as sabe fazer o ilustre escritor, não só as considerações que antecedem a proposta de lei, mas os seguintes artigos:

Artigo I.—Não é permitida a existencia de comunidades, congregações ou corporações religiosas de um e outro sexo, introduzidas ou modificadas depois da publicação dos decretos com força de lei de 9 de agosto de 1833, 28 de maio de 1834 e 25 de julho do mesmo ano, seja qual fôr o numero dos subditos ou associados de que se componham, o motivo do seu estabelecimento e a qualidade ou duração dos seus votos.

Artigo II.—Nenhum estabelecimento publico ou particular de instrucção OU BENEFICENCIA poderá admitir ao exercicio do ensino e educação QUAESQUER INDIVIDUOS NACIONAES OU ESTRANGEIROS, pertencentes ás COMUNIDADES, CORPORAÇÕES OU CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS de que trata o artigo 1.°, sem que para isso seja autorisado por uma lei.»

Continuando, o sr. Albano Coutinho declara que lhe não consta haver lei, depois désta, que autorise a admissão de irmãs da caridade.

Que não é só, em rigor, estas que se guerreiam, não obstante a antipatía e males que élas têm causado: é principalmente a instituição que élas representam.

Define o jesuita como sendo inimigo de familia. Quem ha aí verdadeiramente português—exclama o orador—que não tenha notado com magua a especulação déssa cafila miseravel e daninha?

A historia contemporanea fornece-nos vastos exemplos de que a reacção papal pertende avassalar tudo. Aqui mesmo, nésta terra, o jesuitismo não é uma ficção, não é um personagem lendario, que se acoberta sob todos os disfarces, debaixo de todos os trajos, que aparece em toda a parte.

Que onde se vê a astucia e a influencia do padre é no conficionario e no seio da familia.

Ali fanatisa-se a mãe, a filha, e arranca-se uma e outra ao chefe de familia. A tudo isto anda ligado o instituto déssas mulheres, que são um escarneo á verdadeira e pura caridade. *(Aplausos.)*

Pois não haverá em Aveiro tres mulheres caridosas? *(Movimento no auditorio.)*

Não ha só tres. Ha a cidade inteira! *(Bravos e estrepitosos aplausos. Vivas a Albano Coutinho.)*

Terminando, o distinto e honrado jornalista acentuou extremamente a necessidade absoluta que hade fazer sair as irmãs de caridade, custe o que custar, porque élas são um escarneo lançado ás faces da civilisação, uma desconsideração aos sentimentos generosos da cidade de Aveiro e um insulto inaudito á memoria profundamente respeitabilissima de José Estevam, perante a qual se curvava respeitoso! *(Viva e prolongada salva de palmas.)*»

EFEITOS DO CLERICALISMO

A 19 de novembro de 1869 lia-se na *Revolução de Setembro*, o que segue e que noutros jornaes de Lisboa veio tambem publicádo:

«Do convento de Sá, em Aveiro, saíram sem autorisação nem prévio conhecimento de suas familias algumas formosas meninas, que foram desinquietadas não sabemos por quem, para se filiarem no grémio das irmãs de caridade francêsas. Devem ter chegado a Lisboa ontem para daqui seguirem para França. Duma sabemos que era senhora de pouco vulgar inteligencia mas o devotismo obséca as melhores cabeças, e a velhacaria jesuitica sabe explorar e aliciar os corações melhor formados e as mais claras inteligencias. A' superiora do convento devem pedir rigorosas contas as familias daquélas donzélas.»

No dia imediato, o mesmo jornal publicáva ésta desoladora carta subscrita por Antonio Augusto Coelho de Magalhães:

Sr. Redactor

Pedimos ao govêrno que não seja imprevidente, e que, abrindo os olhos e lançando a vista bem ao longe, ponha em acção todos os seus meios para impedir e fazer frustar essa **cruzada diabolica que aí se levantou em todo o reino, e que escandalosa e arrojadamente trabalha, de cérto com fins politicos, no infame plano de seduzir, por meio dos seus agentes, a mocidade inexperiente, e de as recrutar para a arquiconfraria das irmãs da caridade em França, chegando ao desaforo de as arrancar á obediencia e respeito que devem a seus paes, induzindo-as primeiro nos principios da doutrina a mais subversiva e atentatoria dêsse respeito, e acabando por as irem buscar ás casas de educação aonde seus paes as teem, e, depois de inclausuradas provisoriamente nas suas espeluncas e depositos, as fazerem transportar, dizem êles, para os estabelecimentos das irmãs de caridade em França.**

Nós falâmos assim, e pedimos providencias, porque somos uma das vitimas de tão descarado desaforo, e vitima sem que nem sequer nos déssem tempo de bater á porta da autoridade publica, e nem mesmo teriâmos de saber a infame sedução que se urdiu, e negra traição que se poz por obra, se não tivéssemos um amigo na provincia que por obsequiosa benevolencia se lembrou de nos prevenir que numa leva de recrutas, *que marchou dali caminho de Lisboa, para daqui seguir para França, vinha uma filha que tinhâmos num recolhimento de educação néssa terra de provincia!*

Sr. Redator: grite bem alto contra esta pouca vergonha, que se não toléra nem nos povos selvagens. Diga que em S. Patricio (escadinhas de S. Crispim), aonde nós fomos, por insinuação confidencial de alguem, procurar uma filha que tinhâmos na provincia, de onde havia fugido por sedução e esforço de alguem para assentar praça nas falanges das irmãs de caridade, encontrámos, entrando de improviso e sem que fossemos esperados nem anunciados, as taes futuras irmãs de caridade, furtadas a seus paes, entre as quaes estava a nossa filha, **já fardada, que ficou petrificada ao vêr-nos, e que nem sequer nos beijou a mão, nem deu qualquer outra demonstração por gésto ou palavra do respeito que naturalmente devem os filhos aos paes.**

Eram capitaneadas por uma abelha mestra, que tinha sido nossa hospede em Lisboa por recomendação da nossa filha recrutada. Logo que nos avistaram tocou-se uma sineta, e a êsse toque apareceu-nos de repente o sr. padre Beirão, que era o comandante em chefe da devotissima expedição, e que, pelo desalinho e desbragamento em que nos apareceu, bem se via que estava ainda nos trages de quarto de cama. Caíram-nos as faces de vergonha quando se nos deparou aquêle espetaculo!

O nome de Beirão era para nós um nome de respeito e veneração, porque éssa familia conta individualidades que a cobrem de todo o desaire que a irreflexão e o desacerto de algum dos seus membros possam acarretar-lhe. Esse nome foi a egide do sr. padre Beirão; e nós, então e agora, temos a consciencia do alto poder que êle teve sobre nós. Serviu de muito ao padre o nome da familia. Ficámos cégos por vêr aquêle-mudos para lhe falar com a severidade que iamos dispostos a usar. **Desde logo nos conformâmos com a amarga ideia de ficarmos sem filha,** *e ficarmos sem éla mesmo sem fustigarmos o seu sedutor, caricatamente disfarçado; e depois de cobrirmos as faces com as mãos, deixâmos a filha e o padre nos seus preparativos religiosos e dedicação á caridade, e viémos para casa mortos de desgosto pelo que tinhamos visto e* **não visto,** *e mais do que isso; pela descrença de que tendo, cincoenta e quatro anos, chegassemos a vêr corrigidos estes desregramentos do que é mais corrente nos países em que vivem homens ilustrados e bem morigerados e em que os govêrnos teem como primeiro cuidado e obrigação estabelecer e segurar os meios de tornar impossiveis escandalos e abusos como êste.*

Sr. Redator: repetimos a recomendação: grite bem alto e não levante mão dêste importantissimo assunto, que nós o acompanharemos quando e como podermos.

Pobre pae! Como nós sentimos impetos de revolta ao passarmos pela vista éstas amargurantes linhas!

Palavras de Magalhães Lima

Como o grão mestre da Maçonaría Portuguêsa se exprimiu na magna reunião de protésto contra a admissão das irmãs de caridade no hospital, realisada a 24 de Junho de 1888:

«Congratula-se do intimo do coração, por se achar numa terra que por todos os titulos considera sua patria adotiva. *(Muitos e prolongados aplausos.)*

Que está entre cidadãos que o conheceram de pequeno ainda, e que depois de tantas demonstrações de simpatía, com que sempre o distinguiram, ainda uma vez o querem honrar. *(Muitos aplausos.)*

Apresenta os srs. dr. Manuel de Arriaga e Albano Coutinho, os quaes muito considera pelos seus talentos, pela firmeza das suas convicções, pela conducta nobre e altiva com que sempre se têm distinguido nêste meio politico, pela integridade e nobreza dos seus caratéres! *(Bravos e longos aplausos. Vivas a Manuel de Arriaga, a Magalhães Lima e Albano Coutinho.)*

Que considera o comicio uma festa digna e brilhante, festa de liberdade e de civilisação! *(Aplausos.)*

Vem aqui em defêsa da liberdade ultrajada pela presença das irmãs hospitaleiras nésta laboriosa cidade, que foi berço do maior orador dêste país! *(Bravos unanimes.)*

Vem aqui ser o interprete dos sentimentos da comissão anti-jesuitica, a que pertence.

Que a questão que naquêle momento se debate e agita, é uma questão de vida ou de morte para a cidade de Aveiro, patria do grande tribuno José Estevam.

Que êste povo não deve esquecer a sua liberdade que lhe é tão cára e tão precisa como o ar, para os pulmões!

Aqui o orador fala das belezas inimitaveis de Aveiro, da sua magestosa ria, explanando-se largamente.

Depois, reentrando no assunto, diz que, assim como os bravos filhos désta cidade não temem nem hesitam em afrontar as iras do mar proceloso, com maior força de razão não devem recear de modo nenhum, afrontar os ladrões da consciencia! *(Bravos entusiasticos.)* Que numa procissão patriotica e brilhante, vira muitos filhos désta terra, os pescadores, caminharem impavidos e dignos, saudados entusiasticamente por uma enorme multidão que os admirava.

Que cada seculo tem uma missão especial a cumprir; que a do seculo XIX é toda de liberdade, de trabalho, de paz e de solidariedade! *(Aplausos.)* Que pódem todos os chanceleres do mundo fazer da Europa um mar de guerras sanguinarias e terriveis; que pódem cobrir-se os mares de potentes e fortes armadas; mas que acima de tudo isso ha o poder da idéia, aza rutilante, que com a sua luz póde mais que as baionetas, os canhões e a metralha! *(Bravos entusiasticos.)*

Que ha, atualmente, duas grandes questões, duas questões importantes: a do pão, e a da emancipação da consciencia humana. Na Belgica, debatem-se agora éstas duas questões.

Na Inglaterra debate-se a questão do trabalho.

Aí, ha a maior miseria, ao par da maxima grandeza e opulencia, personificada na câmara dos lords.

Que ha tambem alguma coisa mais que a questão da guerra: é a da liberdade e a do trabalho.

E sobre isto espraia-se em largas considerações.

O Brazil emancipou 700:000 escravos negros; mas ficou snbsistindo a escrravatura branca.

Trata-se, por isso, de uma justa reivindicação.

Sobre as irmãs de caridade, que êle considera escravas ás ordens do jesuitismo e da curia romana, diz que tanto se é escravo ás ordens do papa, como sob o azorrague dos senhores.

Restringindo-se ao motivo da reunião, diz que é uma questão altamente importante a da expulsão das irmãs da caridade. *(Aplausos.)*

Que devem ser expulsas imediatamente, porque a memoria délas recorda factos monstruosos, praticados na propria terra que foi berço de José Estevam; que devem ser fatalmente expulsas, porque a sua estada aqui, mesmo defronte do monumento, constitue a maior e mais repugnante afronta á memoria do grande orador! *(Longos e unanimes aplausos.)*

Que se o jesuita não domina hoje pelas torturas da inquisição, domina pela finança, pela educação, pela beneficencia e pela vassalagem das consciencias. Que a questão de hoje é de emancipação popular.

Cita o facto de um seu parente lhe declarar ha dias que sua irmã professára com todas as regras, em um convento de Santarem. Cita tambem algumas infamias do padre Beirão, que veiu enxovalhar a honrada cidade de Aveiro.

Que não póde haver tolerancia para abutres assim, que são grandes criminosos. Senão, que abram aos facinoras as portas das cadeias, os qnaes, em face dos ratos de sacristia, são menos criminosos!

Que ainda nenhum govêrno, por mais popular, subira os degráus do trôno, que de lá não saísse corrompido.

Que Passos Manuel, por ser verdadeiro representante da vontade popular, pouco tempo se conservou nos conselhos da corôa, pois que a soberania do povo é incompativel com a soberania dos reis.

Que nenhum govêrno se atreveria hoje a derogar as leis do marquês de Pombal e de Joaquim Antonio de Aguiar.

Que se aqui permitissem a continuação das irmãs de caridade, em bréve estariam em toda a parte. Que hoje o clericalismo procura introduzir-se nos estabelecimentos de ensino e caridade, finalmente, em todas as esféras sociaes para de novo se apossar da administração do país. *(Longos e calorosos aplausos.)*

Que o corvo negro do Mississipi é uma ave de rapina que espreita a sua presa, cáe sobre éla como se fôra um raio, e embebendo-lhe o bico, suga-lhe até a ultima gota de sangue. Nésta terra, o corvo, é o provedor da Mizericordia! *(Estrondosos e prolongados aplausos.)*

Que é notavel que todas as vezes que o partido progressista tem subido ao poder, se tem assinalado pelas suas perseguições, pelos seus actos de govêrno reaccionario.

Que o provedor da Santa Casa tem esquecido as leis, como tem esquecido os principios. *(Aplausos.)*

Que se trata de uma questão de legalidade que os poderes publicos fingem esquecer.

Louva e felicita os promotores désta reunião, e louva e aplaude a comissão José Estevam, por não querer inaugurar a estatua com as irmãs da caridade aqui, o que sería um escarneo á memoria do notavel tribuno.

São as autoridades que estão fóra da lei. Incumbe-nos o dever de castigar e punir os réus, para que se não diga que vivemos num país de barbaros.

Termina pedindo que o povo se não fique simplesmente em palavras e em aplausos; que não arrefeça nos seus entusiasmos e que leve o seu protésto até ao fim. *(Largos aplausos.)*

Finalmente, que nunca se poderia tolerar a existencia de milhafres como as irmãs de caridade, na terra que foi berço de José Estevam! *(Muitos e prolongados aplausos.)*»

José Estevam e as irmãs de caridade

Do seu primeiro discurso contra élas proferido:

. . . .

O que eu pergunto aos srs. ministros é se julgam as irmãs de caridade uma instituição necessária, aceitavel, sem perigos para a governação do estado; se se póde admitir nas circunstancias em que está, sem ofensa do nosso pundonor nacional, sem sujeição dos poderes do estado; se querem, se não querem esta instituição; se teem ou não teem a coragem dos grandes ministros do imperador para dizer num relatório lucidissimo, que se leu perante a Europa sem nos fazer vergonha: **«As ordens religiosas não servem para nada, estão caducas, não as queremos.»**

. . . .

Sr. presidente, estâmos a 9 de Julho, (o 1.º discurso contra as *irmãs de caridade*, de quem estâmos extraindo estes periodos, foi pronunciado em 9 de Julho de 1861) faz hoje mesmo vinte e nove anos que com essas leis no pensamento entrámos sete mil perseguidos, sete mil expatriados, numa cidade que tinha mais do que nós essas leis no pensamento, **porque tinham visto néssas congregações religiosas os instigadores e conselheiros duma tirania nefanda;** porque tinha visto sair de essas casas ou corporações religiosas **coortes de testemunhas falsas, que tinham ido aos tribunaes levantar com os procéssos judiciaes os patibulos de onde deviam caír as cabeças daquêles que elas tinham marcado como infestos ao seu predominio.** *(Apoiados.)* E quem me diria que em uma assembleia onde vejo alvejar ainda tantas cabeças que tinham este mesmo pensamento, onde vejo tantos braços que em sua defêsa se levantaram, se haviam de esquecer, os perigos por que passámos e o sangue que então se derramou! (*Muitas vozes:* Não esqueceu, não esqueceu.) Bem; estimo bastante ouvir a manifestação da maioria; mas não basta isso, é preciso que nos convençâmos de que não podemos salvar os objétos que veneramos se não reunirmos todas as forças constitucionaes e moraes **para desfazermos e contrariarmos as intrigas e embustes pelas quaes se quer repor outra vez no seu trono e predominio estas instituições que nós combatemos, destruimos e desfizémos.»** *(Apoiados.)*

Um trecho do segundo discurso:

As irmãs da caridade, seja dito de passagem, não são se não uma emanação do espirito jesuitico, e em volta déssa congregação se juntam todas as ideias que ficáram desbaratadas e destruidas pela perseguição que se fez a éssa instituição...

O que é preparar os espiritos para as provas das vocações? E' por qualquer modo ingerir-se no seio de todas as familias para as trazer ao seu intuito? (*Apoiados.*) E' segredar para o mesmo fim as senhoras sem consentimento dos maridos? (*Apoiados.*) E' assim que se preparam os espiritos das filhas para desaparecerem de uma vez do seio das suas familias? (*Muitos apoiados.*) E' assim que entre familias respeitaveis se estabelece a sizania? (*Apoiados.*) E' isto fazer roubos sacrilegios de uma alma, de uma existencia, reduzindo por tal modo o espirito e o coração, como aconteceu ha pouco com uma donzéla, que estando nas aguas do Porto, proxima a passar para debaixo das ordens do director désta corporação, e apresentando-se-lhe sua mãe, lhe disse com os olhos no chão: *Não vos conheço!»— Não me conheceis? disse a mãe. Repito ainda: não vos conheço, apartae-vos de mim; pertenço a Deus e só a Deus!!...*

Eis aí o que é preparar o espirito para as vocações! (*Muitos apoiados*). . . . .

Ha reacção verdadeira, real e palpavel e eu tenho medo déla. (*Apoiados.*) Pois então não viram as irmãs da caridade a pedir hospitaes? Não foi isto que representaram ao ministro? *Venham as irmãs da caridade, disse o ministro, venham, visto que não veem para viver em comunidade.* Viéram as irmãs da caridade e seis dias depois ou oito já estavam em comunidade, ou creio mesmo que entraram em comunidade. *Venham as irmãs da caridade, mas venham só tantas quantas o govêrno determinar que venham:* creio que eram umas dezoito; e pouco tempo depois viéram sete vezes dezoito. Foi-lhes mandado um alvará, desobedeceram; depois uma portaria, desobedeceram; disse-lhes que *obedecessem ao prelado*, disséram que já *não era possivel e que estavam muito arrependidas do pouco que tinham obedecido, porque sentiam sobre si as iras do céo.* Estavam dispostas, vinham prevenidas para todas as hipoteses. Depois disse-lhes: *Largae a casa. Não, e estâmos resolvidas a professar.* Portanto estão desobedecidos todos os mandados do govêrno, forçados por todos os poderes do estado, estribados numa forte opinião, numa imprensa e parlamento que é avesso a esta instituição...

Quem nos havia de dizer que as irmãs da caridade, treze ou quatorze senhoras, esquecidas pelos odios revolucionários, escapadas aos editos das leis que destruiram aquelas congregações, e respeitadas pelo publico durante muito tempo, deviam ser o nucleo de pretensões tão exageradas, de questões tão gràves como esta de que nos estâmos agora ocupando? Começaram tão poucas, e ha tão pouco tempo teem avolumado tanto, que já hoje são objéto exclusivo da nossa aplicação e motivo de perturbação nos poderes do estado! (*Muitos apoiados*). . . . .

Respeito a liberdade, respeito todas as liberdades, admiro-sa, sigo-as e quero todas as suas consequencias; mas o que não quero é que a liberdade seja por tal modo sublimada que se destine ao suicidio; (*Muitos apoiados*) e que de concessões em concessões, com principios que lhe são opostos e adversos, ela seja levada a sancional-o. (*Muitos apoiados*)

Admito a liberdade do ensino; mas quero tambem a liberdade religiosa, não como está na carta, quero-a franca, completa e absoluta. Não é a tolerancia de todos os cultos, que não são consentaneos com a religião da maioria, **não é só a tolerancia, é a egualdade do culto.**

Se a doutrina do ilustre deputado é que não haja culto legal, que cada um tenha a religião que quizér, eu aceito-lha completamente, porque para mim é um grande absurdo isto de religião da maioría. A religião é da consciencia, e na consciencia não ha maioría nem minoría..........

Temos liberdade de tudo: do comercio, da imprensa, de tudo, e só não libertamos Dêus! Porque Deus não é livre quando tem maioría e minoría, ou quando enumerâmos as consciencias pelos metodos falsos de contar, que temos admitido. Figurem Deus com maioría ou com minoría; a comparação autorisaría muito os ministros, e Deus parece-me que, apesar da sua onipotencia, tambem se veria gràvemente embaraçado. (*Riso.*)

Mas a liberdade do ensino com um govêrno a superintendel-a, e esse govêrno pertencente a uma nação que tenha uma religião dominante, que significa? Na ilustrada concéção do ilustre ministro, uma inquisição (*Apoiados*) mas pacifica, sem opressão, sem cevicias, mas sempre com autoridade suprema derivada de qualquer principio, e essa liberdade é nada deante dessa supremacia. Portanto, ou liberdade completa e absoluta, **ou as restrições necessárias para que a liberdade se não perca pela força da sua generosidade...............**

Em 1828, creio eu, deu-se na França, pouco mais ou menos, uma situação, como esta. Havia antes muitas congregações autorisadas, toleradas e não toleradas, e com o dominio da restauração apareceram outra vez todas; creio que se reformaram umas, que se crearam outras de novo, de maneira que os olhos do govêrno francês começaram por um instante a anuviar-se com a vista de tão variegadas congregações, e para lhes pôr cobro fez uma segunda edição de direito escrito estabelecido. Estabeceu-se pois o seguinte: *Fica proíbida a introdução em França de congregações religiosas, excéto aquélas que por leis especiaes fôr permitido entrarem em território francês.* Isto já estava estabelecido, mas promulgou-se de novo.

E' o que fazem as congregações religiosas. Quando querem estabelecer as suas pretenções não proclamam doutrina nova, proclamam a doutrina já antes proclamada, e o meio de obstar a éssa proclamação nova de doutrina velha é fazer promulgação nova de lei velha. Uma congregação proclama o que já proclamava ha cem anos; nós **promulgámos uma lei que já promulgâmos ha cem anos. O modo de obstar a que essas congregações consigam o seu fim é os poderes publicos estarem sempre álérta, e se quando falarem, falarmos nós tambem, parece-me que não chegará a estabecer-se o vasto desenho da congregação do padre Etienne.** E' este o meu desejo. (*Apoiados.*)

O DR. ALVES DA VEIGA

falando no comicio anti-reaccionário de Aveiro efectuado a 22 de Junho de 1888

«Que se havia cidade no país, que tivésse direito de levantar a voz contra a reacção, era certamente a cidade de Aveiro. *(Muitos aplausos.)* Lêra em tempo o monumental discurso sobre as irmãs da caridade, proferido na sessão parlamentar de 1862, e tão puras eram as expansões do patriotismo ali manifestado, tão profundas as convicções, tão energicos os acentos contra a intolerancia religiosa, que êle, orador, duvidára por momentos que nêste país tivésse aparecido um coração capaz de sentir aquélas nobres comoções, filhas das grandes virtudes, aliadas ás grandes crenças na liberdade, na justiça e no direito humano. *(Estrepitosos e longos aplausos. Vivas ao dr. Alves da Veiga.)*

E todavia era cérto aquilo de que duvidára; era cérto que no parlamento se levantára naquéla época um homem que descarregou golpes formidaveis á hidra da reacção. Esse homem era de Aveiro. *(Muitos aplausos.)*

Pois bem: á terra de José Estevam, o inimigo implacavel da irmã da caridade, veio o milhafre do jesuitismo organisar tambem o seu ninho para destruir com o veneno mortal de suas doutrinas, as tradicções democraticas que a palavra do grande tribuno deixára na consciencia do bom e generoso povo, a quem tinha a honra de estar falando. *(Muitos e calorosos aplausos.)*

Era, pois, natural que na cidade escolhida pelos inimigos jurados da civilisação para teatro das suas operações, na cidade onde se presta culto á memoria honrada de José Estevam, se lavrasse um protésto vivo e energico, em nome dos principios que representam a civilisação contemporanea, contra os homens do passado, que amorteceram o espirito nacional, tirando lhe o antigo vigor, aniquilando-lhe a fé na sua futura regeneração moral, politica e economica. *(Bravos entusiasticos. Gritos de viva Alves da Veiga.)*

Néstas manifestações é que se revela a vitalidade dum povo, que ainda não perdeu de todo a consciencia da sua dignidade; por isso aplaude com sincéro entusiasmo o exemplo de firmeza dado ao país pelos habitantes de Aveiro! *(Longos aplausos.)*

Que vinha aqui, não porque houvésse falta de oradores, mas porque se trata de defender uma das liberdades mais fundamentaes do homem, a liberdade de consciencia, e para isso todos os esforços e energias se devem congregar. Que a civilisação moderna é uma sintese admiravel das conquistas do espirito humano na arte, na filosofia, no direito e na politica; cada povo deu o seu contingente, cada pensador a sua ideia, cada propagandista o seu programa, cada martir o seu exemplo; uns descobriram contingentes—foram os grandes navegadores; outros traçaram a orbita luminosa do direito natural—foram os filosofos; outros escreveram o Evangelho da Democracia—foram os publicistas da Revolução; outros encheram o planeta de maravilhas—foram os engenheiros e mecanicos: obra imensa em que todos colaboraram, e que todos tem o direito e obrigação de defender contra o inimigo comum que ameaça destruil-a. *(Grandes e vivissimos aplausos.)*

Esse inimigo, esse conspirador permanente, secular, é o jesuitismo *(Aplausos)* em volta do qual gravitam, como satélites, as irmãs da caridade, as irmãs hospitaleiras, as Salerias, Dorotêas e outras variedades da grande familia reaccionaria, que os padres de Loyola dominam e pervertem! *(Aplausos.)* Toda a propaganda devia, pois, dirigir-se a desmascarar éssa maldita seita, a revelar os seus intuitos malevolos, e mostrar os males que éla tem causado á civilisação geral da humanidade. Pouco cuidado nos deviam dar as mulheres, que trazem excitada a opinião em Aveiro, se atraz délas não descobrissemos o espirito máu, a alma negra, a seita tão tristemente assinalada pela lucta tenaz contra as mais belas conquistas do espirito moderno. *(Muitos aplausos.)*

O orador entra em seguida no desenvolvimento historico do jesuitismo, fazendo muitas considerações que mal podemos apanhar e resumir. Mostra os conflictos que durante quatro seculos o jesuitismo tem sustentado contra a ciencia, contra a familia, contra a democracia, contra o trabalho e a liberdade. E' um forte exercito que resistiu a todos os ataques do espirito moderno, salvando-se do naufragio da antiga civilisação, pela sua inflexivel constituição interna, que assenta na mais completa obediencia. (*Muitos e calorosos aplausos.*)

Que os males que a politica ultramontana causou ao país se conhecem examinando a situação economica, moral e politica da sociedade portuguêsa, nos tres ultimos seculos. A industria, o comercio, a instrucção, o patriotismo, tudo, tudo se perdeu, mercê da inepcia dos nossos reis, que comprometeram todos os elementos da vitalidade nacional! (*Aplausos.*)

Que apezar das lições da historia patria, e da historia geral, apezar do exemplo dado ha pouco pela França, o jesuitismo aí estava medrando, fazendo propaganda impunemente nos templos da nação, á sombra da protecção franca, descarada, do representante oficial da curia romana. *(Muitos e frementes aplausos.)*

Que é grande o desenvolvimento que nos ultimos tempos tem tomado a reacção entre nós! O orador faz, nêste ponto, uma resenha dos institutos, recolhimentos e outros estabelecimentos jesuiticos, existentes no país, especialmente no Porto, Lisboa, Covilhã, Louriçal do Campo, Aveiro e Santarem, o que mostra que as irmãs da caridade e a Companhia de Jesus estão de facto restabelecidas entre nós, contra a expressa disposição das leis de 1750, de 1773, de 1834 e de 1862. Sob o paso de taes provas está-se agitando a opinião em todo o país, e reclamando providencias energicas do govêrno, sendo cérto que ainda até ésta data éssas justas reclamações não fôram atendidas. *(Vivas a Alves da Veiga.)*

O orador refere-se á portaria de 1880, enviada pelo sr. José Luciano de Castro aos governadores civis, para sindicar do estado das associações jesuiticas, em que o ministro estabeleceu êste principio: que se não póde negar aos estrangeiros o direito de se estabelecerem no país e de gozarem dos direitos civis dos cidadãos portuguêses. Mostra que tal principio, correcto em tése, é absolutamente inaplicavel na hipotese.

Que os inimigos da liberdade, colocando-se á sombra déla para melhor a destruirem, fazem o apostolado do ensino para inocularem no espirito das creanças os principios mais nocivos á civilisação da humanidade; invocam a egualdade para transmitirem ás gerações futuras uma herança como a que nos legaram as gerações passadas. *(Grandes aplausos.)*

Fala dos missionarios que andam pelas provincias e do rasto de lagrimas e desgraças que deixa quasi sempre a sua passagem.

Depois de fazer muitas e brilhantissimas considerações, como as sabe fazer aquêle belo e simpatico espirito, termina exortando os habitantes de Aveiro a persistirem com firmeza no pensamento de não inaugurarem a estatua do seu grande vulto historico, de José Estevam, antes de se dar satisfação á opinião liberal tão justamente excitada, antes de saírem do hospital da Misericordia as irmãs da caridade. Exorta calorosamente o povo a que abrace com dedicação a causa da liberdade, sem a qual não ha dignidade nos individuos nem nas nações!»

Um manifesto

AVEIRENSES!

As irmãs da caridade acabam de saír do nosso hospital, em consequencia de ordem do sr. ministro do reino.

Pretenderá o govêrno resolver assim a questão que agita Aveiro?

Se o pretende, esta solução é extemporanea.

Ha cinco mêses satisfazia: hoje não!

O atentado praticado na ultima quarta-feira pelo **secretário do corpo de policia, agente e familiar do sr. governador civil;**

atentado que os **partidários** do sr. governador civil planeáram friamente no remanso do gabinete;

atentado, cuja execução foi favorecida pelo **sr. Barbosa de Magalhães,** genro do sr. governador civil e presidente da meza da assembleia eleitoral, pelo sr. Barbosa de Magalhães **que no momento do crime estava conversando com o criminoso;**

atentado que foi protegido **por sicários escolhidos na companha de pesca do sr. governador civil,** torna esta autoridade incompativel com uma cidade briosa e liberal, como Aveiro.

A unica solução possivel é **a demissão do sr. governador civil.** Sem éla não teremos segurança para as nossas pessoas e para as nossas familias!

Não teremos garantias para a nossa liberdade individual!

Não teremos na cidade e no distrito uma administração corréta, justa, imparcial!

Quem acobertou os crimes de Ovar; quem por perseguição politica reteve arbitrariamente preso, durante nove mezes, na cadeia désta cidade, um surdo-mudo; quem atentou contra as nossas vidas e a nossa liberdade de eleitores, como na eleição da Misericordia; quem planeou e mandou executar aquele infame crime e veio depois, no jornal de que é proprietário, imputal-o a adversários energicos, mas leaes, não póde conservar-se num cargo que obriga a proteger os nossos direitos, a fazer justiça ás nossas reclamações, a dar segurança ás nossas pessoas, a garantir a liberdade que a carta constitucional e as leis do país nos concedem.

A eleição da Misericordia precisa de ser repetida porque os partidários do sr. governador civil, os seus mais intimos parentes e um seu subordinado **nos inutilisaram infamemente a vitoria!**

Quem póde afirmar que na futura eleição se não repetirá o atentado infamissimo?

Nestes termos, Aveirenses, a retirada das irmãs da caridade não resolve a questão.

Só a retirada do sr. governador civil póde trazer socego á cidade, ordem, correcção, justiça, imparcialidade e moralidade á administração da cidade e do distrito.

Brévemente parte a comissão do partido liberal que vae pedir ao sr. ministro do reino a demissão do seu delegado.

O sr. ministro hade atender-nos.

Confiêmos na justiça das nossas reclamações, e entretanto continuemos a gritar:

Abaixo o governador civil!

Viva a Liberdade!

Viva a Patria!

Viva a cidade e o distrito de Aveiro!

(aa) *Manuel Gonçalves de Figueiredo*
João Pedro Soares
José Gonçalves Moreira
Manuel Homem de C. Cristo

Os acontecimentos de ha 25 anos

Uma eleição renhidissima da Misericordia --- Conflitos sangrentos --- Aveiro em estado de sitio --- Vitoria dos liberaes

Transcrevêmos do *Jornal da Manhã*, de sexta-feira 21 de Setembro de 1888:

A QUESTÃO RELIGIOSA

«Triste coincidencia que seja nos periodos de administração progressista que se levantem mais acêsas as lutas religiosas!

O ministério do duque de Loulé foi assinalado por essa polemica violenta, em que interveio a figura altiva e imponente de José Estevam, e em que ficou vencedora a liberdade por meio da palavra sincéra e eloquentissima do apaixonado tribuno.

A reacção ficou vencida, mas procurou desforrar-se duma maneira evidente. Foi José Estevam que fez á apologia da caridade nacional e obrigou a que se reexpatriassem as irmãs de caridade francêsas?

Pois seja em Aveiro, a terra iminentemente liberal, seja em Aveiro, a patria do brioso soldado do batalhão academico, que as irmãs da caridade venham edificar o seu ninho reaccionário; ali, em frente da estatua daquele que lhes fulminou o raio!

Isto não é, não póde ser méra coincidencia; é o resultado dum

plano tenazmente preconcebido. Tudo o demonstra e, quando faltassem outras provas, bastava o espetaculo, que toda a cidade de Aveiro está presenceando, espetaculo, que é uma vergonha para o partido progressista e um descredito para as nossas tradições liberaes.

Quem observar atentamente os factos, não deixará de notar uma circunstancia curiosa, e que põe em relevo os sentimentos vingativos da reacção.

A' similhança da França, ela tambem procura tirar a sua desforra e, se não consegue triunfar á luz do dia, o seu trabalho de sapa vae minando incessantemente, e, quando menos se pensa, é quando ela está senhora do posto.

Que importam os meios, se se conseguem os fins?

A Companhia de Jesus já tomou a sua vingança do marquez de Pombal. Os herdeiros do irreconciliavel ministro são hoje dos mais fervorosos adeptos da seita negra.

Era preciso igualmente tirar-se a desforra de José Estevam, e não havia desforra mais palpitante do que introduzir em Aveiro as irmãs de caridade.

Imaginaram-no completamente morto e quizéram tripudiar sobre o seu cadaver, sem se lembrarem que o bronze cinzelado pela arte tem a expressão da liberdade ofendida, da liberdade que se levanta nas azas da eloquencia para despedaçar no seu vôo os ultimos grilhões do despotismo.

José Estevam é a gloria mais pura e mais brilhante de Aveiro e a reacção não teme ofender a memoria do grande cidadão, como se as suas virtudes e os seus talentos fossem moeda de vil metal, que tivésse de ser retirada da circulação nestes tempos sinistros, em que tudo que é grande parece afundar-se, como náu da India, rica de mercadorias, carregada de chatins, mas pôdre de madeiras e falta de piloto.

Iludiram-se, porém, e o desengano não podia ser mais cruel para os que o sofreram, mais nobre para aqueles que tivéram a coragem de arrancar a mascara aos vendilhões do templo.

Enganaram-se, supondo que o pedestal da estatua de José Estevam era de frio marmore, irresponsavel e mudo, quando a estatua de José Estevam tem por pedestal o coração de todos os liberaes.

A estatua de José Estevam não se erguerá sobre o pedestal; mas que importa isso, se ela, como a estatua de Memnon, vibra harmoniosamente á todas as brisas das auras da liberdade?

Triste cousa que o partido progressista, que ainda ha bem poucos anos vitoriava com todo o entusiasmo os *Lazaristas*, deixe envergonhada a penna de Antonio Ennes, e esteja favorecendo aqueles, que tão rudemente comprometem as tradições gloriosas de José Estevam, de Passos Manuel, de tantos outros.

Na questão das irmãs da caridade, o duque de Loulé procurou resistir á torrente, mas vendo que eram inuteis os seus esforços, e não só inuteis, mas anti-patrioticos, curvou-se, sacrificou todas as suas convicções pessoaes, sacrificou dolorosamente o amor da familia, só para cumprir com o maximo cavalheirismo os seus deveres civicos.

O sr. presidente do conselho não terá esquecido este facto, e se o esqueceu, remire-se no espelho do passado, e veja se no exemplo que lhe deixáram os seus antigos chefes encontra a energia necessária para cumprir o seu dever e desafrontar a liberdade.»

Idem, em correspondencia:

Aveiro, 20 de Setembro

«A familia liberal portuguêsa acaba de receber mais uma prova de decadencia moral em que Portugal tem caminhado nestes ultimos tempos.

E' triste, muito triste!

As peripecias de que a cidade de Aveiro foi ontem teatro, por causa da eleição da Misericordia, o demonstram.

Eis o que se passou:

Teve logar ontem a eleição da meza da Santa Casa da Misericordia, vencendo a lista da oposição e sendo derrotados os progressistas reaccionários, que, ligados com o jesuitismo, empregaram todos os meios, fizéram mil maroteiras, taes como falsificação de cadernos, muitos irmãos riscados e, á ultima hora, uma *remonta* de mais de 40 eleitores. Mas quê? Os aveirenses compreenderam mais uma vez o seu dever e soubéram respeitar as gloriosas tradições de José Estevam e Mendes Leite.

Note-se que a meza é simplesmente uma comissão administradora e como tal não tinha direito nem de riscar nem de admitir irmãos. Mas como para esta gente a lei se não respeita, possuem o cinismo bastante para déla fazerem fórmula de farmacia.

Emquanto lhes restava essa esperança da eleição ser deles, portaram-se muito regularmente na acção do escrutinio, mas quando se viram perdidos, lançaram mão de um expediente vergonhoso e pulha, atirando para dentro da urna com um masso de listas!

Isto foi verdadeiro e o presenceou quem escreve estas linhas.

A assembleia, indignada e furibunda, pôz-se em luta e os gritos de viva a liberdade, abaixo as irmãs da caridade, misturavam-se com os de ladrões, ladrões que nos querem roubar a eleição.

Interveio a policia, mas não pôde conter o povo e este mais se entusiasmou, porque então os vivas á liberdade, abaixo os ladrões, fóra as irmãs da caridade, recrudesceram. Foi então que a cidade tomou um aspecto assustador, mas altivo e nobre.

Dizia-se: se esta terra foi uma das primeiras que levantou o grito da liberdâde, sigâmos esse exemplo e sejâmos dos primeiros a levantarmos o grito contra o ultramontanismo.

O sr. governador civil requisitou força armada e mais de 60 cavalarias cercaram a Praça Municipal.

O povo deu vivas á cavalaria e apupou o governador civil com assobios e fóra ladrões, ladrões.

O sr. capitão Ribeiro, comandante da força, houve-se de uma maneira muito digna, porque soube compreender a situação e mandar embainhar espadas.

O povo deu mais vivas á cavalaria, e abaixo o governador civil.

As trazeiras do hospital foram apedrejadas e os vidros quebrados, porque o povo supoz que os que compunham a meza e autores da grande patifaria se tivéssem refugiado ali.

O sr. Manuel Firmino tinha mandado vir muitos homens da sua companha para, cada um de varapau, estar ás suas ordens, para defêsa dos da familia.

Conservaram-se até final em volta da urna.

Alguns deles vimos nós de navalha aberta por meio da egreja ameaçar cidadãos pacificos e honrados, e se não fosse a sua destreza teriâmos hoje de contar lamentaveis desgraças.

O partido progressista que se reveja nessas cênas tão vergonhosas como revoltantes.

Se a condescendencia do sr. ministro do reino não fosse tão grande para com os homens que pretendem arvorar-se em senhores absolutos, não passaria Aveiro por enxovalho tão feio e sucessivamente tão injusto.

Aveiro que possue tradições gloriosas da liberdade, Aveiro que erigiu no seu bélo cemitério um monumento aos heroicos martires da liberdade e que jazem ali as cinzas dos Melos e dos Moraes que, pela causa liberal, pagaram a sua vida no patibulo horrendo do absolutismo, ser teatro de cênas tão edificantes, é triste, simplesmente triste!

Sr. ministro do reino: V. ex.ª que preside a um grupo de homens que foi ao poder, representando principios de liberalismo; v. ex.ª que devia respeitar e fazer cumprir as leis do seu honrado chefe A. J. Braamcamp, porque se não deixa de considerações e demite os seus delegados?

Sr. José Luciano: não ponha em pouco as reclamações duma cidade inteira, olhe que a paciencia póde esgotar-se e o fogo alastrar mais.

Apesar de tudo, os aveirenses mostram grande entusiasmo.

O pedestal onde hade ser colocada a estatua de José Estevam apareceu hoje de manhã adornado de flores e muitas bandeiras com monogramas e um grande letreiro que diz: — *Viva a Liberdade.*

Pediu-se ao governador civil ordem para as musicas percorrerem as ruas da cidade, mas indeferiu a petição. S. ex.ª receiou mais arruaça.

Creio que se mandou telegrama ao ministro do reino.

Aguardâmos mais acontecimentos.»

Por sua vez, o *Correio da Manhã*, relata assim os factos:

«Estava a terminar a eleição, era sol posto. Contava a lista da oposição 166 votos. (Os irmãos são 400, mas tinham-se abstido alguns.) Saíram da urna os tres que nos faltavam. Nesse momento Barbosa de Magalhães, deputado por Ovar e já muito conhecido pelas suas violencias e escandalosissimas arbitrariedades praticadas no seu circulo, que era o presidente da meza, ergueu-se a pretexto de que tinha muito calor, e abandonou o seu logar. Logo que principiou a eleição notou-se que em volta da urna permaneciam uns pescadores das companhas do governador civil Manuel Firmino, homens de má catadura e estranhos á terra. Esses homens eram em numero de 15 ou 16 e estavam para o que désse e viésse. Quando Barbosa de Magalhães abandonou a urna, Miguel Ferreira, celebre galopim progressista, atirou um punhado de listas para dentro da urna, ao mesmo tempo que um filho desse galopim lhe deitava a mão. Os da oposição, que estavam na meza, e outros, que estavam fóra, procuraram salval-a. Porém caíram sobre eles os facinoras assalariados que desde o principio se notavam na egreja. Entretanto o dr. Barbosa de Magalhães fugia, com o seu padre Manuel Ferreira, para a sacristia, emquanto a policia invadia a egreja de sabres desembainhados. Havia já várias cabeças partidas. O chefe de esquadra, porém, deteve energicamente a policia, não a deixando agredir o povo e a luta terminou.

Mas foi pelo ar tudo quanto pertencia á eleição, sendo o Marques Gomes, progressista miguelista, que Mendes Leite empregou, por ter dó dele, e que saíu o que se vê, o primeiro que rasgou o que poude.

O povo saíu para a rua e fez aí uma grande manifestação contra os promotores do conflito.

Acudiu a cavalaria, que ocupou a rua da Costeira e o largo Municipal. A questão era tão simpatica e tão justa que a cavalaria sentiu repugnancia em atacar o povo, permitindo em silencio e quiéta as manifestações.

Continuáram, pois, as manifestações. Nisto saíu o governador civil do edificio do liceu, que é defronte da egreja da Misericordia, onde se tinha conservado durante a eleição. Foi recebido com uma viva apupada do povo que enchia as ruas proximas. Julgando alguns populares que o Barbosa de Magalhães e Miguel Ferreira saíram pelo lado de traz da Misericordia convergiram para ali e partiram as vidraças do hospital velho.

Foram serenando os animos e pouco depois saíam da Misericordia o governador civil e sua *troupe* no meio de uma força poderosa de cavalaria e policia. A vista déssa gente produziu uma enorme indignação. A gritaria de *morras* era espantosa e a apupada geral.

No meio do conflito viu-se um tal José Carrancho, galopim granjola, de punhal levantado e alguns dos guardas costas do Barbosa de Magalhães distribuindo golpes de faca, que felizmente não alcançaram ninguem.

Finalmente, não houve mortes devido apenas á energia do chefe de policia e á atitude pacifica da cavalaria. Se a policia invéste com o povo, ou a cavalaria carrega, e não foi por vontade do governador civil, mas unicamente porque este homem está tão desprestigiado que não tem forças para fazer cumprir as suas ordens, havia a estas horas grandes desgraças.

Ainda assim, Joaquim Fontes, republicano, ficou muito ferido, o mesmo acontecendo a Francisco Regala, Zacarias da Naia, João Regala, Carlos Melo e Francisco de Magalhães.»

CASO TÍPICO

A falta de espaço com que hoje lutâmos obriga-nos a deixar para a semana o relato de mais uma proêsa do secretário da câmara por onde os nossos leitores verão até onde chega o desplante do *privilegiado* cavalheiro.

Como não perde a oportunidade...

"A TARDE,,

Recebemos a visita de mais um diário que, com o titulo da epigrafe, começou na segunda feira a publicar-se no Porto.

E' bem redigido, traz variadas secções a que o aspecto material imprime ainda maior realce e propõe-se defender com abnegação e consciencia a politica do Partido Republicano Português em que se acha filiado.

O *Democrata* apressa-se a saudar o novo coléga a quem só deseja uma vida prospera que corresponda ás suas intenções.

Falta de espaço

Impossivel publicar nêste numero todo o original que recebemos dos nossos correspondentes, do que lhe pedimos desculpa.

Por egual motivo ficam tambem para a semana umas considerações que o artigo de fundo da *Soberania do Povo*, de quarta-feira, nos sugére, assim como uma resenha das festas democráticas de Angeja e várias noticias que não perdem pela demora.

Costa Nova

"O Democrata,, vende-se durante a época balnear na *Padaria Macedo.*

NOTAS DA CARTEIRA

De visita, esteve em Aveiro e na Costa Nova, o sr. Frederico Candido Marques, ha pouco chegado de Africa.

= Hospede do nosso presado amigo, sr. Antonio Felizardo, digno chefe do posto aduaneiro désta cidade, está na Costa Nova, seu irmão, sr. dr. Simão José, delegado do Procurador da Republica em Fornos de Algodres.

= Egualmente está naquéla praia com sua familia, o sr. Eugenio Ferreira da Encarnação.

= Na conservatória do registo civil efectuou-se o casamento do sr. Manuel Rodrigues Lourenço, do Paço de Esgueira, com a menina Joana da Silva Almeida, natural da visinha freguezia.

Serviram de testemunhas os srs. Alfredo Lopes de Almeida, Manuel Rodrigues da Silva e Jaão Marques da Cunha sendo os noivos ainda acompanhados doutras pessoas de quem não pudémos tomar nota.

Que sejam muito felizes é o que sincéramente desejâmos aos recem-casados.

"O Mundo,,

Entrou no 14.º ano da sua existencia.

Para nós não póde passar despercebido êsse facto, que, sendo aliás tão vulgar, representa, com relação áquêle diário, um vivo exemplo de pertinaz e inalteravel amor ao tradicional principio republicano, hoje tão puro na maior grandeza da sua essencia, como então nas horas passadas da incertêsa, da perseguição e do perigo.

Com verdade ninguem poderá contestar esta afirmação, que com toda a intensidade ecôa na nossa alma como se espelha e reflete aos olhos de todos os patriotas e republicanos.

Antes da gloriosa madrugada de 5 de Outubro arrastou o *Mundo*, durante anos consecutivos, num crescendo de furiosas e infamissimas perseguições de toda a especie, uma existencia de torturas e surprêsas que, todavia, não conseguiu enfraquecer a rija tempera de França Borges empenhado denodadamente na salvação da sua Patria estrangulada ás mãos traidoras duma coorte de bandidos que a assediavam por todos os lados.

Desde o nobre chefe do estado, reliquia veneranda e querida do partido republicano, até ao mais humilde e lealissimo soldado dêsse grande e velho agrupamento politico, saudaram, terça-feira, na pessoa do director do *Mundo*, a obra grandiosamente patriotica e bela do seu incomparavel diário.

E porque nos orgulhâmos de pertencer a êsse nucleo, purificado e retemperado no ardor da luta ha tantos anos encetada em prol da Patria e da Liberdade, como soldado raso do nobre exercito batalhador, vitorioso na celebrada manhã de outubro, de ha tres anos, enviâmos tambem a França Borges a nossa mais sincéra e viva saudação, com o intimo desejo de que por larguissimos anos possa continuar dispensando a esta Pátria querida todo o seu ardor e valimento na defêsa dos seus interesses e dos seus direitos.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

SETEMBRO

DIAS	PHARMACIAS
21	MOURA
28	LUZ

Ultramar

Aos nossos presados assinantes da Africa, Brazil, Congo, etc., a quem pelo correio nos dirigimos enviando-lhes nota dos seus débitos, roga a administração do *Democrata* a finêsa de os mandarem satisfazer pela via que melhor lhes convier cérta, como está, de que todos assim procederão atenta a sua comprovada honestidade.

E aceitem por isso o nosso antecipado reconhecimento